



TRAÇOS IDENTITÁRIOS E CULTURAIS PRESENTES NA LITERATURA PRODUZIDA PELOS INDÍGENAS

Me.(anda) Quézia Mary da Silva Reis (PPGEL/UFMT) – keziareis0702@gmail.com

Me. Jonas Junior Mendes (PPGE/UFMT) – jonas-lucas@hotmail.com

Prof.^a Dra. Áurea Cavalcante Santana (PPGEL/UFMT) – aurearsh@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dr. Claudio Alves Benassi (PPGEL/UFMT) – claudio.benassi@ufmt.br

GT 3: EDUCAÇÃO E DIVERSIDADES CULTURAIS

Resumo:

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os “Traços identitários e culturais presentes na literatura produzida pelos indígenas”, como ferramenta de resistência à dinâmica hegemônica da literatura lusófona, que personifica o indígena de uma maneira romantizada e não real. Em um primeiro momento, são analisados os conceitos de identidade e cultura; a seguir, são discutidos os desafios que a literatura indígena propõe para ser reconhecida no meio literário; por fim, este artigo enfoca na construção do perfil identitário do indígena na perspectiva da literatura.

Palavras-chave: Artigo acadêmico. Literatura indígena. Identidade. Culturalidade.

1 Introdução

Erro de português

Quando o português chegou

Debaixo duma bruta chuva

Vestiu o índio

Que pena!

Fosse uma manhã de sol

O índio teria despido

O português

(ANDRADE, 1978)

Ruminar a literatura brasileira, já com a inserção da produção textual indígena, produzida pelos povos indígenas no contexto dos textos consagrados, implica em observarmos e compreendermos que, na realidade, o que se tem no Brasil, nada mais é do que uma literatura lusófona. Ao enobrecer a identidade indígena no contexto da escrita de textos literários produzida pelos indígenas, visa não somente ao sentimento de compensação de dívida, mas sim, de trazer visibilidade ao que de fato os indígenas são e apresentam socialmente. Refletir sobre a identidade cultural do indígena, no contexto da

literatura literária produzida pelos indígenas e a promoção da interculturalidade indígena proposta em seus textos, que busca desconstruir posturas padronizadas e fixas do sujeito indígena construídas a partir da literatura lusófona, e resgatar a postura responsiva e autônoma do sujeito indígena, pelo viés do próprio indígena.

O envolvimento do indígena com o texto ficcional, apresenta significados inesgotáveis entre a palavra escrita e o sujeito que escreve, modificando assim a concepção estabelecida por ambos em relação à visão que estes têm do mundo e das suas próprias existências.

Ao observarmos o poema de Oswald de Andrade (1978), em epígrafe, a ideia que se tem do apagamento Da cultura indígena na literatura foi breve e passageira. Mas o que vemos na realidade, a “bruta chuva” a que ele refere, não passou e o tão sonhado sol demora a mostrar seu resplendor. O indígena aguarda o esplendor do sol, que com sua demora mantém o estado cultural vegetativo e fúnebre do nativo, que em sua própria terra vive como uma comunidade diaspórica que não consegue se destacar e nem se fazer reconhecida dentro de seu próprio habitat.

A inexistência cultural do indígena precisa ser combatida de maneira que as barreiras culturais sejam rompidas ao ponto de fazerem iguais a interlocução entre o indígena e o branco, e a literatura indígena e a literatura brasileira sejam complementares entre si, e não serem vistas como autoexcludentes.

A maneira ideal para uma possível aproximação das literaturas, se é que podemos assim dizer, seria a identificação da “brasilidade” na literatura indígena¹, no entanto a literatura indígena não aparece nem nas rebarbas da literatura brasileira. Ao observarmos nas literaturas historiográficas, tais como as de Alfredo Bosi (1970), José Veríssimo (1979), e de Silvio Romero (1957), não teremos registros conceituais das comunidades indígenas espalhadas em nosso território, e se atentarmos, nem mesmo na literatura crítica sociológica de Antônio Candido (2004).

Logo, é possível considerarmos que a literatura produzida pelos indígenas pode nos revelar, os mais amplos painéis de condições de vida, de existência, da identidade do indígena e em especial do espírito brasileiro que sofre constantes apagamentos. No

¹ Diz-se “aproximação”, pois se reconhece que há particularidades e/ou diferenças que devem ser mantidas, sob o risco de as duas literaturas se tornarem uma mesma literatura, o que não seria produtivo, uma vez que o diálogo deve ser a tônica dessa interação. Sabe-se que em qualquer relação de poder a cultura dominante se sobrepõe, mostra-se notório que, ao longo da História brasileira, a cultura branca, também por sua tradição intelectual eurocêntrica, teria privilégios e, possivelmente, se destacaria em relação à cultura indígena.

BOITATÁ, Londrina, n. 12, p. 122-137, jul-dez 2011.

entanto, é sabido que o que de fato “nos interessa, não é a literatura sobre os indígenas, com os indígenas, ou ainda, inspirada nos indígenas. Mas sim, a literatura indígena”, como defendeu Charles Bicalho (2010, p.209).

Pensando nisso, este artigo tem o objetivo de explicitar o quanto a prática escritural e literária indígena traz enriquecimento e fortalecimento para a identidade cultural desses povos. Assim, ele está organizado de forma a expor basicamente três tópicos.

Na primeira parte, buscaremos compreender os conceitos de identidade e cultura, fazendo uso dos escritos de Stuart Hall (2005) e conseqüentemente, entendermos os conceitos de desconstrução, em Jacques Derrida (2001).

Na segunda parte, apresentaremos a trajetória da produção literária indígena, como lutas e conquistas, a partir de reflexões dos escritores indígenas Daniel Munduruku (2009), Vangri Kaingáng (2017) e Graça Graúna (2013).

E ao final, desenvolveremos reflexões sobre a escrita literária produzida pelos indígenas, e o quanto esse processo tem colaborado para recuperar, preservar, divulgar e valorizar a cultura indígena e, conseqüentemente, fortalecer a identidade de cada povo. Contaremos, nesta etapa, com as ponderações dos escritores: Bhabha (1998), Leo Cunha (1994), Moreira (2002) e outros.

1- Identidade e Cultura Indígena

A busca pelo entendimento do conceito de identidade cultural, faz com que o pesquisador, busque pela compreensão de forma isolada dos conceitos de identidade e cultura. Posto que, a identidade é compreendida pela busca das preferências do indivíduo/sujeito, e seu vínculo a um determinado local ou espaço, onde a cultura faz-se presente, contemplando várias crenças, simbologias e valores que trazem consigo uma história.

Posto que, as várias formas de abordagens do conceito de cultura, validam a definição de identidade, haja vista que, de alguma maneira os indivíduos/sujeitos, em sua natureza possuem contato com alguma forma de cultura, acreditando que o principio de tudo está no elo familiar, e somente depois pela socialização com o meio. Pensando assim, faz-se necessário a unificação desses dois conceitos, para uma efetiva elaboração compreensiva da identidade cultural. Jacques Derrida (2001), salienta que para que haja uma efetiva desconstrução de um conceito, este deve ser apresentado como uma corrente filosófica, onde deve-se organizar discussões sobre um posicionamento filosófico

clássico, com o propósito de romper com os pensamentos ocidentais, onde possibilita-se novas maneiras de pensar, sem que haja necessidade de descarte do pensamento inicial de determinado conceito.

Ao falar em desconstrução, Derrida (2001), observa e entende esse mecanismo de análise de determinados conceitos, como uma necessidade de reconhecimento de que algumas posições filosóficas clássicas, apresentam uma hierarquização de pensamentos, e não uma sincronização pacífica. E para compreender e analisar como isso ocorre, haveria a necessidade de inversão desta hierarquia, questionando as posições, o que não colaboraria para a neutralização, deixando intacto o campo de discussão anterior, e protegendo novas formas de efetiva intervenção.

Para Hall (2005), é necessário discutir sobre os modelos de identidade contemporâneo, pois está evidente a existência de uma crise, indicando que

(...) as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. Assim a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2005, p. 9).

Refletir sobre o que quer dizer esta crise de identidade, e que situações embasariam tais argumentos e quais são as bases que sustentam os seus argumentos e suas consequências potenciais.

O aspecto do indígena no Brasil e o lugar que ocupa socialmente, é concebido de modo modificável, logo, essa crise de identidade a que Hall (2005) se refere, aplica-se aos indígenas brasileiros. O autor explica:

Esta perda de um “sujeito de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2005, p. 9)

Primeiramente, pensa-se no indígena como parte integrante da formação da sociedade brasileira, tratando-o como ser de suma importância na história nacional do passado; foca-se no indígena assim, como ser do nosso antepassado, nas riquezas que deles recebemos, seja cultural ou genética, ou até mesmo na importância que tiveram para adaptação do colonizador europeu quando chegaram no Brasil.

No ideário romântico, ao reconhecer a cidadania indígena brasileira e, consequentemente, a cultura indígena, tornou-se possível uma emergente conscientização étnica dos povos indígenas brasileiros. Após esse reconhecimento, ser indígena tornou-

se sinônimo de orgulho identitário. O indígena, deixou de ser generalidade social, tornando-se expressividade sociocultural de suma importância do país. Ser indígena, deixa de estar associado a um período da vida, mas a um modelo de condição para o bem-estar global do indivíduo, às riquezas, à satisfação e à espiritualidade de vida.

O indígena neste tempo, vem sendo tratado como sujeito com direitos sociais. E isto é um grande avanço para a história indígena brasileira, que vem impulsionando grandes conquistas políticas, econômicas, culturais e sociais.

Assim sendo, vivenciamos a reafirmação e por vezes, a recriação identitária do indígena, que outrora era oculta e negada, como forma estratégica de sobrevivência. Os anos de repressão colonizadora apagaram a auto-estima indígena e a altivez da sua cultura, no entanto, nos dias atuais, com o processo de reafirmação da identidade indígena e da valorização da cultura, a satisfação e o orgulho tem sido recuperado gradativamente.

Nos dias atuais, vê-se uma nova geração de indígenas, com diferenças alarmantes da anterior, que viviam amedrontadas, em decorrência das tragédias e do apagamento da real história do seu povo, pois a nova geração nasce, cresce e vive com um olhar mais esperançoso e latente sobre o futuro.

Reafirmar a identidade indígena, não é apenas uma trivialidade desses povos, mas sim, um momento de ressuscitamento da história milenar e um momento de glória que inicia pela reviravolta na história escrita pelos colonizadores europeus.

2- Literatura Indígena: outros livros, outras histórias

Ao longo do tempo, tudo que sabíamos sobre a vida, cultura e identidade dos indígenas no Brasil, eram através das coletas feitas por antropólogos e historiadores. No entanto, a partir dos anos 90, os próprios indígenas se deleitaram na escrita das suas próprias histórias. A produção literária feita por eles, permite aos leitores uma proximidade, e oportuniza a estes um conhecimento mais amplo de suas trajetórias, tradições, costumes e contos.

Até então, a oralidade era um dos fortes traços da literatura indígena, que através dos sistemas de grafismos, constituía uma outra narrativa, o que diferia da palavra impressa.

Segundo a escritora indígena Vangri Kaingáng,

A literatura indígena é uma forma de perpetuar o conhecimento oral, ou seja, quando um indígena escreve sobre seu próprio povo ele está traduzindo para escrita experiências que aprendeu por vivência cultural, sua família, suas

raízes, ele fala da origem de sua essência, do que aprendeu e ao qual deve respeito e o que verdadeiramente é, pois fala com propriedade daquilo que conhece. (KAINGÁNG, 2017, p.2)

Para a maioria dos mais de 250 povos indígenas brasileiros, a escrita literária ainda é uma conquista recente. Apesar de serem detentores de um conhecimento antigo, que foram ensinados de pais para filhos, ou pelo som da voz dos avós, a oralidade, a fala, a palavra, sempre foram os meios pelos quais transmitiam-se as tradições e gerava memórias, protetora das histórias criadas e narradas. Através dessas memórias, a literatura evidencia a vivência dos povos indígenas, *produzindo uma trajetória e uma narrativa de vida.*

Para Candau, a perda de memória provoca a perda de identidade.

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades congênitas e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si. (CANDAU, 2011, p. 59-60)

A literatura indígena, se ocupa da memória para atualizar os repertórios e encontrar novos sentidos que se eternizarão em novos rituais ao longo de sua história vivida e narrada. A memória dos ancestrais indígenas, foi alcançada pela ganância dos invasores, que buscavam riquezas tanto materiais quanto espirituais. Apagaram-se as memórias, e por cima dos corpos vencidos, escreveram histórias de dor e de sofrimento. Os atingidos pela gana dos invasores, viram-se obrigados a ocultarem suas identidades, para manterem-se vivos. Estes, tornaram-se sem-teto, sem-história e sem- dignidade. Foram obrigados a aceitarem a dura realidade dos sem-memória, indivíduos das cidades que para manterem-se vivos, tinham que guardar nos livros seu medo do esquecimento.

Para Daniel Munduruku,

É preciso interpretar. É preciso conhecer. É preciso se tornar conhecido. É preciso escrever – mesmo com tintas do sangue – a história que foi tantas vezes negada. (MUNDURUKU, 2009, p.2)

Portanto, a grande boa notícia que a literatura indígena traz, é a do (re)encontro. Pois ela atualiza e reforça o repertório ancestral com novos acontecimentos e fatos. Deve-se cuidar, pois há uma linha tênue entre a oralidade e a escrita, pois há alguns que querem transformar esse fio em uma fissura. A escrita é uma das muitas técnicas usadas no mundo contemporâneo, assim como o museu, o teatro, as apresentações culturais, as redes sociais, TV e outros. Todas elas são formas diferenciadas de mostrar viva a cultura ancestral, pois, pensar a literatura indígena, é observar o movimento que a memória faz para apreender as muitas possibilidades de mobilidade num tempo em que buscam o

apagamento dos povos que a afirmam. Logo, a escrita é a afirmação da oralidade. Como dizia a poeta indígena Potiguara Graça Graúna: “Ao escrever, dou conta da minha ancestralidade; do caminho de volta, do meu lugar no mundo” (2013, p.6).

Hoje, podemos contar com grandes autores indígenas, como: Daniel Munduruku, Yaguarê Yamã, Olívio Jekupé, Kaká Werá Jekupé, Kanátyo Paraxó, Ailton Krenak, que são destaques nacionais e até internacionais da literatura indígena, que apesar de ser um fenômeno relativamente recente, as suas obras já fazem parte dos acervos de grandes bibliotecas.

3. O papel da literatura indígena na difusão da identidade cultural do indígena

A literatura indígena brasileira contemporânea, literatura nativa ou literatura de autoria, são as várias nomenclaturas ou designações relacionadas à produção escrita de autores representantes dos povos indígenas nativos e originários do Brasil.

Falar de literatura indígena, nos remete a um movimento literário que surgiu na sociedade na década de 90. Até então, era muito raro encontrarmos nas bibliotecas obras publicadas, que trouxesse em sua ficha o nome de um sujeito indígena. E muito mais atípico o registro desse sujeito indígena como autor ou mesmo escritor.

De acordo com Bhabha:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p.20)

Nesse sentido, ao falarmos da literatura indígena brasileira, falamos da expressividade de uma herança cultural, produtora de identidades étnicas no século XXI. Assegurados pela Constituição Federal, no artigo 210, alunos e professores indígenas organizaram de forma coletiva, material didático pedagógico, com objetivo de ensinar a língua materna para sua comunidade, que após a publicação da Lei 11.645 de 2008, insere a obrigatoriedade do ensino das culturas indígenas e afro-brasileiras, no currículo escolar, mas que ainda assim a receptividade foi tímida e lenta.

O conhecimento que se tinha da cultura indígena, foram as propagadas pelos portugueses que aqui desembarcaram, e implantaram costumes, vestimentas, educação,

religião e até mesmo seus mitos. Essas atitudes, acarretaram revoltas por parte da comunidade indígena, pois viram suas identidades e culturas violadas, (CUNHA, 1994, p. 123-124). A literatura “indígena” nesse período, era escrito pelo olhar e viés europeu. Enquanto que, para compreendermos a literatura indígena deve-se reconhecer que a estrutura do pensamento ameríndio é diferente do ocidental, o que faz total diferença.

Assim sendo, o sujeito na literatura expressa pelo próprio indígena, traz a relação sagrada com a natureza impressa em sua identidade, e é nesse espaço que estes conduzem os modos de vida dos povos. Logo, obras como *Coisas de índio*, de 1996, de Daniel Munduruku, mostra-nos de modo didático como são as vidas nas comunidades; *Nós somos só filhos*, de 2011, de Sulamy Katy, como já sugere o título, leva-nos a assumir que não somos donos da natureza, mas que somos seus filhos, somente filhos. A ideia de que os povos indígenas são os “verdadeiros donos da floresta” é equivocada e errônea, haja vista eles não terem essa relação de posse com a natureza, mas de filhos dela, portanto, seria mais correto dizer que eles são os protetores da floresta.

Ante o exposto, a concepção de um pós-indianismo, segundo Guzmán (2013, p.18-23), onde a identidade do indígena brasileiro e sua imagem não é mais composta de um estereótipo tímido e padronizado como outrora, tal como o era na literatura indianista. Agora a literatura indígena é marcada por um movimento de contra narrativas visando emancipar, pelo menos na atividade discursiva literária, a voz e autonomia dos povos nativos.

Referências

- ANDRADE, Oswald de. erro de português. In: _____. Poesias reunidas. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 177. (Obras Completas)
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Interrogando a identidade. p.20
- BICALHO, Charles Antônio de Paula. O “cinema” cantado dos Maxakali, (2010, p.209)
- BOITATÁ, Londrina, n. 12, p. 122-137, jul-dez 2011.
- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1970.
- CANDAU, J. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

CUNHA, Leo. “Literatura Infantil e Juvenil”. In: Forma e Expressões do conhecimento. Minas Gerais: Ed. UFMG, 1994.

DERRIDA, Jacques. A Escritura e a Diferença. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil - Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GUZMÁN, T. D. Native and National in Brazil: Indigeneity after Independence. Carolina do Norte: A project of First Peoples: New Directions in Indigenous Studies, 2013.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KAINGÁNG, Vangri - Da edição 11 - Leitura e Suas Tecituras. Astrolábio nº 21 ano II set. 2017.

MOREIRA, O. Folhas Venenosas do Discurso: Um Diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo Ribeiro. Salvador: Uneb, Quarteto, 2002

MUNDURUKU, D. O Banquete do Deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira. São Paulo: Global, 2ª ed., 2009.